

CARLOS HEITOR CONY E PAULO SIMÕES: A MUDANÇA ESTÉTICA DE AUTOR E PERSONAGEM EM PESSACH: A TRAVESSIA

Carlos Heitor Cony and Paulo Simões: the aesthetic change of author and character in Pessach: the crossing

Eduardo Luiz Baccarin-Costa*

Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Carlos Heitor Cony é considerado, por vários estudiosos da Literatura Brasileira, um dos autores que iniciou a literatura de resistência à Ditadura. Desde 01/04/1964, as crônicas de Cony questionavam o golpe, os militares e já denunciavam os primeiros abusos da Revolução de 31/03/1964. Em 1966, Carlos Heitor Cony e mais sete intelectuais brasileiros foram presos pelos militares após vaiarem e protestarem o presidente Castelo Branco numa conferência da OEA no Hotel Glória, episódio que ficou conhecido como “Os oito do Glória”. Na cadeia, Cony começou a escrever *Pessach: a travessia*, e Antonio Callado começou a escrever *Quarup*, hoje consideradas as obras iniciais da Literatura de Resistência dos anos 1960. Esses fatos nos ajudaram a desenvolver um dos objetos da nossa Dissertação: o romance de Cony. Para conseguir maiores informações, em 16 de agosto de 2016, nos encontramos com o autor em seu apartamento no Rio de Janeiro e conversamos durante toda a tarde sobre literatura, história, política e *Pessach: a travessia*, que no ano seguinte comemoraria o cinquentenário de sua primeira edição. Esta acabou sendo a última entrevista dada por Cony a um acadêmico e a penúltima de toda sua vida. O autor faleceu em 05 de janeiro de 2018, aos 91 anos. Abaixo, segue a entrevista, uma parte dos momentos intensos de aprendizado e reflexão que Cony nos proporcionou.


Palavras-chave: Carlos Heitor Cony. Memória. Ditadura. Literatura de Resistência. *Pessach: a travessia*.

Abstract: Several Brazilian literature scholars consider Carlos Heitor Cony one of the precursors of the resistance literature against dictatorship in Brazil. On April 1st, 1964, his chronicles already questioned the coup and the military and denounced the first abuses of the revolution of March 31st, 1964. In 1966, Cony and 7 other Brazilian intellectuals were arrested by the military after having booed and protested against President Castelo Branco in an OAS conference at the Hotel Gloria. This episode was later known as “The eight of the Gloria”. While in prison, Cony began writing the *Pessach: the crossing*, and Antonio Callado, the



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

* Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina; Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: eduardobaccarin@gmail.com.

 <https://orcid.org/0000-0003-0459-0864>

Quarup, both now considered seminal works to the resistance literature of the 1960s. These events have helped us to develop one of the objectives of our dissertation: the romance of Cony. To gather further information, we met Carlos Heitor Cony at his apartment in Rio de Janeiro on August 16th, 2016, and talked the whole afternoon about literature, history, politics, and the Pessach: the crossing, which would celebrate its 50th anniversary edition the following year. This ended up being his last interview to an academic and the penultimate of his lifetime. The author died on January 5th, 2018, at the age of 91. In the present article, we present some excerpts from the intense moments of apprenticeship and reflection left by Cony.

Keywords: Carlos Heitor Cony. Memory. Dictatorship. Literature of Resistance. Pessach: the crossing.

Recebida em: 13/05/2018

Aceita em: 15/08/2018

Terça feira, 16 de agosto de 2016, 15 horas, Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro. No momento em que boa parte do país acompanhava a Olimpíada, que estava sendo realizada no Brasil, na “cidade maravilhosa”, eu chegava ao prédio onde morava Carlos Heitor Cony para conversar com ele sobre a Literatura Brasileira, a História recente do País, e, especialmente, acerca de seu romance *Pessach: a travessia*, que, no ano seguinte, faria 50 anos da publicação de sua primeira edição.

Enquanto subia os oito andares que me separavam do autor de *Antes, o verão, O Ventre, Quase Memória*, dentre outros, pensei na trajetória desenvolvida por Carlos Heitor Cony, especialmente nos anos da Ditadura Militar no Brasil, na literatura e no jornalismo, e como poderia aproveitar aquele momento único que ele me proporcionaria.

Ao entrar no apartamento 801, encontrei Carlos Heitor Cony sentado numa cadeira de rodas, vítima de uma queda num cruzeiro. Fiquei impactado, pois esperava um homem forte e sorridente, a despeito dos seus 90 anos, vir a meu encontro, com uma brincadeira bonachona e irônica, como constituía aquele autor no meu imaginário.

Cony morreu um ano e meio depois dessa conversa. Quando recebi a notícia de sua morte, cada minuto da entrevista veio à minha lembrança. E, quando soube, por Flávia Leite, sua assessora, que essa tinha sido a última entrevista que ele havia dado a um acadêmico, essa lembrança ficou ainda mais marcante. A perspicácia, a ironia e o jeito simples de tratar coisas complexas se tornaram especiais nas minhas recordações dele, agora.

Carlos Heitor Cony sempre foi atento às questões da política, e talvez uma das pessoas mais lúcidas para entender o processo na qual estávamos inseridos à época. Porém, confesso fiquei surpreso com o grau de informação e memória que ele tinha do panorama da literatura contemporânea atual, especialmente nomes, datas, eventos, tendências. Tínhamos estabelecido com a assessoria que não deveríamos ultrapassar noventa minutos de conversa com ele, devido a seu estado de saúde, e ainda assim passamos a tarde conversando. Abaixo os momentos mais relevantes dela:

Eduardo Luiz Baccarin-Costa (ELBC): *Pessach: a travessia* faz 50 anos em 2017. De acordo com autores como Renato Franco e Malcolm Silvermann, o livro é considerado, ao lado de *Quarup*, do Antonio Callado, um dos marcos iniciais da Literatura Engajada Brasileira,

e revelam, ainda que de maneira metafórica, o que era a narrativa em tempos da Ditadura, até porque eles têm grandes semelhanças. Primeiro: O *Pessach* começou a nascer numa prisão, numa das suas seis prisões...

Carlos Heitor Cony (CHC): É... O do Callado, também.

ELBC: É, ele teve preso com você....

CHC: Callado e Glauber... Foram 3 prisioneiros... Éramos 8, mas 3 deles fizeram, quase na mesma época, obras de protesto: foi o Callado, o Glauber Rocha, que fez o *Terra em Transe* e eu... O Glauber começou a escrever o roteiro do *Terra em Transe* no banheiro...

ELBC: No banheiro?

CHC: É, no banheiro da prisão. Então, estas obras nasceram no mesmo período, depende de como você pretende analisar. Cronologicamente, a minha veio um pouquinho antes; depois, a do Callado e, depois, a do Glauber, até porque filme é mais difícil, demora mais, né? Foram três obras que também marcaram porque foram escritas praticamente no mesmo tempo, e mais ou menos com o mesmo sentido. O sentido de combater o regime, embora, digamos, sobretudo o meu livro, eu o considere, hoje, um pouco datado... O do Callado é específico, com o problema dos índios. Havia, digamos, na obra dos três a questão da luta armada que, neste tempo, estava colocada no topo, ou seja, a luta armada resolveria todos os problemas pessoais. *Quarup*, do Callado, dá um jeito nisso. É a história de um padre, Nando, que se mete no meio dos índios e, ali, muda completamente, se transformando num guerrilheiro da revolução. Termina o livro assim. Ou seja, não resolve apenas os problemas do país, mas também os problemas pessoais dele. O *Terra em Transe* tem a mesma ideia. Aquele poeta mais ou menos regional vivido pelo Jardel Filho tem também a ideia de que a luta armada seria a solução. O meu livro é a mesma coisa. O *Pessach*, no entanto, apresenta uma crítica que mexeu um tanto com a luta armada. Nesse ponto, e só nesse ponto, eu concordo e aceito a tese do Partido Comunista, de que eu fui contra a luta armada. Na realidade, não fui contra a luta armada....

ELBC: Como você imagina que seu livro colaborou com a resistência daqueles primeiros tempos da Ditadura Militar?

CHC: Eu realmente não sei, até porque, no meu livro, exagerei um pouco, no sentido de mostrar a luta armada muito mais organizada do que na realidade era, e com a participação direta do Partido Comunista. No *Pessach*, por exemplo, eu falo que a China ia ajudar na luta armada. o que não era verdade, não foi verdade... nem a União Soviética. A verdade é que o Partido Comunista era sustentado pela União Soviética e eu resolvi colocar que a luta armada também era, o que, na verdade, se mostrava absurdo. Na minha história vou mais além: aquele grupo de pessoas que era a favor da luta armada se reúne numa fazenda e começa a preparar guerrilheiros. E países comunistas mandariam munição, e até avião, para incentivar a luta armada no Brasil, mas ali, no lugar, houve uma traição. Ali, com muita gente ferida, inclusive um que eles socorrem no caminho, não tinha nenhum médico. Chamaram uma médica do Rio, que foi lá, salvou o camarada e voltou para o Rio, e ela era amante de um importante membro do Partido Comunista. Ele é que traiu este movimento e a polícia vai lá e mata todo mundo. No meu livro, como você viu, eu coloco os guerrilheiros sendo treinados de forma profissional, e

isto não era verdade. Quem lê sem atenção vai imaginar que eles tinham munição à vontade, dinheiro, e isso realmente não procedia. Naquela época, havia pequenos focos de resistência, não um movimento organizado e eu contei como se fosse um movimento muito bem planejada. Mas esta médica do *Pessach*, amante de um membro do Comitê Central do Partido, contou pra ele, e ele, então, contou para o partido. A executiva do partido avisou os militares, e, então, foram lá e mataram todo mundo. Esse é mais ou menos o enredo da minha história, ao passo que, no *Quarup*, aquele Padre, depois de quebrar a cara várias vezes, resolveu não só o problema dele, mas do Brasil. Depois de um processo muito lento, e muito bem escrito pelo Callado, ele um dia tira a batina, bota um gibão e parte para a guerrilha. Assim termina a história do Callado, com o Padre Nando na luta armada.. No *Terra em Transe*, do Glauber, aquele poeta que era intelectual urbano, como vários dos personagens, também começa a contestar não só o regime, mas muda a postura, achando que era necessário fazer a luta armada. As três obras tratam disso. Os três livros, no meu entender, são livros datados.

ELBC: Então quer dizer que você não acha que eles são atemporais?

CHC: O negócio é o seguinte: esses três personagens, evidentemente, não eram políticos no sentido clássico do termo. Eles, assim como nós três, eram intelectuais, como outros também nesse período, assim como havia operários, estudantes que contestavam o regime. Alguns deles chegaram a participar de movimentos, como foi o caso daqueles que sequestraram o embaixador no Rio, que mataram o General no Recife. Houve, sim, em todo o Brasil, movimentos localizados de protesto em relação à Ditadura no Brasil, mas todos eles sem muita expressão, ao passo que nós três – Glauber, Callado e eu – tivemos uma certa, não vamos dizer ajuda, mas uma certa repercussão internacional, uma vez que éramos três escritores relativamente conhecidos e nenhum dos três ligados a partidos, mas com uma postura ideológica firme, não só contra a Ditadura, mas contra também o Imperialismo Americano. Nós não tínhamos nenhuma pretensão política, tanto que nenhum de nós foi deputado, senador... mas fomos presos juntos, também com outros intelectuais que queriam mudar o Brasil. Não só nós três, com a gente havia também outros como o Flavio Rangel, o Joaquim Pedro de Andrade que fez *O padre e a moça*, o Tiago de Melo¹... éramos um grupo de 8 e nos juntamos para dar uma vaia para o Castelo Branco e por isso fomos presos. Mas fora isto, havia em todos uma participação ativa, seja na arte, seja na literatura, uma participação ativa contra o regime. Nos meios intelectuais, como nas universidades, por exemplo, aceitavam nossa posição – política e literária – e mesmo quem não aceitava, dava repercussão a ela. Então tanto o Callado quanto eu e o Glauber éramos muito requisitados para palestras e reuniões para falar da nossa obra e da nossa resistência literária.

ELBC: A Flora Sussekind (1985) comenta em seu livro *Literatura e Vida Literária* que se não tivesse acontecido a Ditadura, o amadurecimento e engajamento da literatura teriam acontecido de alguma forma”, porque segundo ela, esta Literatura que teve na sua obra e na do Callado marcos fundadores da literatura engajada – assim como o Glauber no cinema –, este

¹ Tiago de Melo, poeta amazonense escreveu Declaração dos Direitos do Homem, poema que evoca o homem no seu estado mais livre, libertário e dedicou-o a Carlos Heitor Cony.

amadurecimento teria acontecido de alguma outra maneira, mesmo que não fosse o AI-5. Você concorda com isso, Cony? Você acha que se não fosse a Ditadura a Literatura Brasileira estaria no patamar de qualidade que está hoje?

CHC: Na Literatura Brasileira sempre houve, digamos assim, um pretexto para que uma Geração Literária se manifestasse de uma determinada forma mais ou menos de contestação à anterior. Não posso dizer que comecei algo, uma vez que a contestação vinha lá de trás, desde 22. Depois, com os regionalistas, havia contestação, não talvez a contestação como se manifestou após 64, mas um discurso já contrário à Literatura Oficial, canônica, que se fazia até então. Estas contestações certamente estão bem representadas em dois momentos da Literatura Brasileira: uma na Semana de Arte Moderna, que foi em São Paulo, a outra no chamado Romance Nordestino. Embora não haja um engajamento claro, não se pode dizer que Graciliano, José Lins do Rego, esta turma toda, não fizesse uma contestação na literatura brasileira. Este pessoal certamente deu uma mexida na Literatura Brasileira. Tanto que os romances mais importantes da Literatura Brasileira são dessa fase. O que a Revolução de 64 fez foi o seguinte: separar o joio do trigo entre aqueles que aceitavam a situação e aqueles faziam discursos que iam acabar com o imperialismo americano e fazer uma agitação nos movimentos sociais. Ao mesmo tempo faziam uma caçada feroz aos comunistas e aos esquerdistas de maneira geral. Isso era o medo que o Departamento de Estado dos Estados Unidos tinha de que no Brasil pudesse se repetir a experiência comunista de Cuba e que a Serra da Mantiqueira se tornasse a nossa Sierra Maestra. Eram todos uns exagerados. Quando o negócio apertou mais, eu me autoexilei em Cuba, o Callado se exilou em Paris. Vou te contar uma coisa: o Callado era uma pessoa muito fina, muito respeitada. E nós dois criticamos duramente o sistema, e pagamos por isso, naquele primeiro momento perdendo os empregos. Eu perdi dois: eu era editorialista no Correio da Manhã e estava escrevendo uma novela para a Tv Rio. Perdi os dois. Tive que ir para Cuba e depois fui preso em Juiz de Fora, até que, finalmente, fui processado pelo Costa e Silva e preso mais algumas outras vezes. Talvez eu tenha sido, sem falsa modéstia, o mais perseguido desta turma, porque os militares tinham muita raiva de mim. Eu também não era político, não entendia nada de política. Até então nunca tinha escrito nada sobre política. Nas revistas escrevia sobre cinema, balé, comportamento, futebol, mas nada sobre política. Meus romances eram considerados ousados e até pornográficos, mas nunca tinham contexto político. A partir da Revolução de 64, comecei a fazer política nos meus artigos e nos meus romances, mas sem nenhuma formação política anterior. Causei, num primeiro momento, um certo espanto nos próprios militares. No Costa e Silva, muito mais, principalmente depois que escrevi um artigo chamado *A revolução dos caranguejos*.

Mas, sem dúvida, a revolução de 64 provocou uma mudança total no movimento literário e artístico da época. A grande mudança certamente foi o engajamento dos artistas e isto de certa forma foi a continuidade do que já havia acontecido na Semana de Arte Moderna, em 22 e também a série regional dos escritores do Nordeste a partir de 1930 que deram prioridade absoluta ao movimento social, focando nos excluídos a postura de herói contra as adversidades, abordando temas de caráter político e social ainda que ao mesmo tempo tivessem inserido numa

cultura feudal. Então eu considero, particularmente, o romance de 30 o precursor da literatura engajada que o Callado e eu demos continuidade num outro momento. Evidentemente, que no meu caso e do Callado, a Revolução de 64 foi determinante nos nossos romances, porque a gente não podia mais ficar calado, era uma exclusão evidente entre ricos e pobres, pretos e brancos. Porém, a gente não pode negar que o que você chama de maturidade veio certamente com os romancistas do Nordeste, com uma Rachel de Queiroz, um Graciliano Ramos, um José Lins do Rego, por exemplo. No nosso caso em particular, nós começamos uma discussão não só contra a ditadura, mas também contra o *Status* – e isto ficou bastante acentuado na poesia marginal. A nossa ousadia, de certa forma, reproduziu a própria ousadia dos militares ao tomarem o Poder.

ELBC: No seu livro você coloca o Paulo Simões lá na cadeia com vocês. Hoje ainda eu estava lendo esta passagem e ri muito com isto

CHC: É o Paulo Simões seria eu, né?

ELBC (rindo) É, mas olha aqui como você coloca. Veja, são palavras suas: “Veja o caso do Hotel Glória. Uma atitude muito bonita. Nove camaradas...”. Então não são mais oito, você acabou de incluir o Paulo Simões. “Nove camaradas vão lá, vão o Marechal, vão para cadeia, comem queijos franceses na prisão, são notícias de jornal, provocam manifestos, são soltos, nada aconteceu, apenas enriqueceram a biografia individual de cada um. E daí?” (CONY, 1999, p. 54), Você acha que se este livro tivesse saído um ano depois ele teria sido publicado, Cony?

CHC: Não. Não seria não. É preciso entender que a repressão mesmo, a repressão real, que virou esta carnificina, que matavam, enterravam em qualquer lugar e tudo isto, foi depois do AI-5. O AI-5 foi tão violento que não sobrou uma possibilidade de qualquer resistência ao governo, só a resistência armada.. Então começaram a atacar de todos os lados.

ELBC: Como foi a travessia do Carlos Heitor Cony? Ou seja, como um autor que nunca escreveu nada sobre política tornou-se um autor engajado?

CHC: Quando veio a Revolução em 1964, comecei a escrever contra ela. Aí não só arrumei um grupo que me perseguiu durante uma boa parte do tempo, mas fiz também um grupo de leitores que era absolutamente contra o regime e que me prestigiaram muito e foi aí que eu segui em frente no meu projeto de Literatura. Em *Pessach*, você vai encontrar alguns personagens, como a Vera, por exemplo, que foram adaptados de pessoas que existiram. A Vera, na realidade, foi a primeira mulher do Ferreira Goulart. Ela era filha do embaixador, seu nome era Teresa Aragão, existe até uma rua aqui no Rio de Janeiro com o nome dela. Ela era uma pessoa alienada e por ser casada com o Ferreira Goulart foi se politizando ao longo do tempo. Por isso, criei a Vera a partir dela, porque a minha personagem tem as mesmas características dela: bem nascida, culta e com uma vontade enorme de derrubar a Ditadura. Essa foi a Teresa Aragão.

ELBC: Cony, alguns críticos dizem que você é um dos autores que melhor estruturam os personagens femininos, o autor que mais se aproxima, no que tange à construção de perfis femininos, ao Machado de Assis. Vera, personagem do *Pessach: A travessia* é um exemplo disso. Ela começa “feia, magrelinha, mas com um olhar estranho” e conforme a narrativa vai

evoluindo – e este livro deve ter uma ação cronológica de um mês, no máximo, talvez nem isso – deste encontro com o Sílvio e o Paulo, até a travessia na divisa do Rio Grande do Sul com o Uruguai, deve haver um mês...

CHC: Eles eram o que o Nelson Hungria chamava de “Guevaras da Puc”

ELBC: Você, o autor de *Pessach*, acha que a Vera realmente parece com a Capitu?

CHC: Ah, não sei... A Vera é uma junção, uma mistura de gente... aliás qualquer romance tem sempre uma mistura assim, né? Os personagens, nos romances, são sempre compostos arquitetonicamente. Quando fazemos uma Igreja, por exemplo, de diversos tipos, Gótico, renascentista, Romano, nós temos uma Arquitetura composta. Na Literatura é a mesma coisa. No caso do meu livro, havia várias pessoas que me deram o perfil da Vera, pessoas de várias origens. A Vera é uma personagem que existiu realmente, mas grudada num monte de pessoas, um montão de moças da PUC, e eram todas moças bem nascidas e bonitas. Não eram pessoas, digamos assim, operárias. Eram moças de PUC, algumas faziam mestrado, eram filhas de embaixadores, de intelectuais que davam certo apoio aos guerrilheiros, isso é verdade. Ela pode não ter existido fisicamente, mas que certamente existiu intelectualmente, porque quando você via uma moça aluna da PUC, da Santa Úrsula, entre outras, você podia estar certo que ali tinha uma guerreira revolucionária e que dava certo apoio às milícias clandestinas. Assim como a Vera faz no meu livro e muitas delas foram por isso, digamos assim, também sacrificadas. Aquele grupo que foi pro México depois do sequestro do embaixador americano tinha mulheres assim. A própria Dilma foi presa, mas não foi torturada ao contrário do que se propaga por aí. Eu posso te assegurar que a Dilma não foi torturada fisicamente. Ela era muito ligada ao Brizola e talvez por isso não a torturaram. Apenas prenderam ela e o primeiro marido, ou o pai da filha dela, não me lembro. Os dois foram levados para a prisão porque estavam ajudando as guerrilhas. A Dilma era tipicamente a Vera, mas você veja que contradição: a Dilma chegou a presidente enquanto a Vera morreu na divisa com o Uruguai defendendo a guerrilha. O engajamento dessas moças era quase uma demência que tomou conta de boa parte da juventude em todo o lugar. Houve em Cuba, houve no Chile, houve na Argentina. Vejamos o caso do Chile: depois do assassinato do Allende e da subida ao poder pelo Pinochet, a resistência ao governo foi feita em grande parte por mulheres, o mesmo caso na Argentina, com as “mães da Plaza de Mayo”. Aqui no Brasil, elas também foram importantes na luta, ainda que muito mais desorganizada que nestes países. Por isto costumo dizer que a resistência na América do Sul não foi feita por grupos semelhantes, mas por grupos análogos em si mesmo. E isto é uma marca da mocidade, sobretudo da juventude, entre aspas, intelectualizada, ou seja, estudantes, artistas, pessoal da graduação e de mestrado. Foi essencialmente essa gente que se colocou contra o regime, não só no Brasil, mas em todos os países da América do Sul que enfrentaram a Ditadura nos anos 60 e 70. E algumas delas foram sacrificadas com tortura, morte e prisão, inclusive a Dilma que esteve presa e, repito, mas que não foi torturada.

ELBC: Quando você publicou *O Ventre*, foi acusado de, entre outras coisas, ser pornográfico... Costumam dizer que até *Antes, um verão* o Cony era um autor mais erotizado, mais sensualizado, mais acariocado, vamos dizer assim. A partir de *Pessach*, o Cony se torna

mais politizado.

CHC: É o seguinte, eu me tornei politizado, mas não no sentido partidário que na época era uma quase exigência dos militantes. Eu nunca fui politizado no sentido partidário, agora eu tinha uma noção mais ou menos da vida política do Brasil, que na época, realmente estava uma merda... O General Costa e Silva veio e me prendeu e censurou alguns artigos e livros meus. Isso, de certa forma, eu não mudei. O que eu não mudei até hoje foi tomar partido, seja de esquerda ou de direita, eu sempre digo que eu não sou esquerda nem direita: eu sou acima (gargalhada).

ELBC: Dizem que você chegou a escrever um romance em 10 dias, é verdade?

CHC: Não, fiz em onze. Foi o segundo livro, mas fiz isto por questões particulares e foi uma coisa muito pessoal, porque eu não tinha nenhuma relação com o meio intelectual, não conhecia ninguém. Passava o tempo todo na praia jogando futebol, até que um dia eu li no jornal que haveria um concurso literário em São Paulo, patrocinado pela Companhia Editora Nacional, para autores e textos inéditos. E aí eu comecei a fazer o meu primeiro livro: *O Ventre*. Levei seis, oito meses nele e mandei para o concurso. Um dia saiu publicado um comunicado assim: há muitos livros bons inscritos e o melhor deles disparado é *O Ventre*, mas não podemos premiar um livro como esse, porque ele é muito forte, negativo, vai contra os valores da sociedade... E com isso não houve premiação naquele ano, nem pro segundo lugar, porque como eles já haviam dito que o melhor livro era o meu, não tinha mais como premiar o outro, né? Esse parecer saiu inclusive no Diário Oficial. Aí eu fiquei puto da vida. Logo no seu primeiro concurso, você ganhar e não levar, imagina como você se sente, né? Em 1958, abriu um novo concurso nas mesmas condições: livros inéditos de autores inéditos, para concorrer ao mesmo prêmio. Era uma merreca, uma coisa pequena, eram 50 mil cruzeiros, uma coisa assim. Quando eu soube disso, falei: vou concorrer outra vez. Fui à secretaria da editora e me disseram que o concurso ia fechar doze dias depois, ou seja, eu tinha doze dias para fazer um romance que eu pudesse mandar para um concurso. Eu fiz, fiz um livro. Levando em conta as restrições do próprio concurso, fiz um livro à minha maneira e tal, não botei palavrão, não fiz nenhuma crítica frontal ao Estado e ganhei. Ganhei o prêmio. No ano seguinte, eu fiz o outro livro, que nem era um romance, era um diário... e quando ganhei em 58, eu transformei o diário em romance, ou seja, ao invés de fazer um livro em primeira pessoa, eu passei a usar a terceira, mas neles – assim como em boa partes dos meus romances – meus personagens são eu mesmo. Registrei as coisas que me aconteciam, como as filhas pequenas, minha situação no jornal, minhas coisas... e isso acabou de me dando o prêmio Manuel Antônio de Almeida. Pode se dizer que ganhei duas vezes seguida, e isso me deu uma certa projeção. Agora tem uma coisa, Eduardo, a publicação do *Pessach* colocou contra mim todo o Partido Comunista. Inclusive o Ênio [Silveira], dono da Civilização Brasileira, me disse: “Cony, este teu livro foi vetado”. Eu acho que sou o único escritor brasileiro que perdeu emprego por causa da esquerda e por causa da direita (gargalha) e eu não sou um homem nem de esquerda e nem direita. Ppor esse lado, achei esta perseguição até certo ponto normal, porque eu tinha a convicção que estava criando obstáculos para a luta armada. Até hoje, o Partido Comunista acha que não devia ter havido luta

armada, o certo deveria ser isso. Já eu acho que o único caminho que havia naquela situação era a luta armada.

ELBC: Você usa, no seu livro, um claro intertexto com a cultura judaica e com a Bíblia. Você pega os 400 anos de escravidão, os 40 anos no deserto com os 40 anos do Paulo Simões...

CHC: Aí é o seguinte: eu sempre quis escrever um livro que tratasse da luta pela liberdade e o exemplo que eu dou, talvez o exemplo histórico mais forte de luta pela liberdade ao longo do tempo, foi o episódio do *Pessach* dos Judeus. O Egito, que era a grande potência da época, prendeu todos os judeus, acabou com a Judeia e botou todo o seu povo como escravo. Mas eles não eram escravos individuais, daqueles que ficavam numa praça e aí chegava um egípcio lá e falava: você, você e você, e levava o cara para trabalhar à força. Então os semitas eram escravos públicos e assim viveram muito tempo, até que apareceu Moisés e outros e se tornaram líderes, e viram os soldados do Faraó matarem os judeus e se revoltaram. Se você se recorda, o próprio Moisés que não era judeu, era egípcio, viu os soldados cometendo aquela covardia com o povo, se indignou, descobriu sua origem e resolveu fazer o *Pessach*. Esta palavra em hebraico significa passagem por cima. Moisés, então, começou a liderar o grupo de judeus contra o Faraó, contra o estado, que era todo poderoso, era líder do Egito, uma espécie de Estados Unidos de hoje, e o Faraó seria uma espécie de Trump (risos). Numa noite, eles não tiveram tempo nem de fazer o pão – fizeram o pão sem fermento – que o catolicismo transformou na hóstia. Moisés então liderou a saída dos judeus do Egito para o deserto e ali com não tinha nada, houve o fato – que você pode discutir – de ele ter aberto o Mar Vermelho para fazer a travessia. Mas a verdade é que a maioria absoluta, senão a totalidade dos judeus conseguiu fugir da escravidão rumo à liberdade sonhada por 400 anos. Isso é o *Pessach*: uma noite de travessia para a liberdade. Agora eu botei o título com duplo sentido pelo seguinte: *Pessach* significa em Hebraico a Passagem por cima. Então a passagem por cima é o seguinte: tem um ponto A e tem um ponto B. O *Pessach* faz isso: passa por cima para chegar de um ponto ao outro. Já quando você fala em travessia é diferente, é através de é outro campo semântico, é diferente... é você ir do A para o B, atravessando todos os obstáculos, a fome, a sede, os inimigos, entendeu? Na passagem por cima você não perde nada, porque você sai daqui e vem pra cá sem passar por nada, ao passo que a travessia é diferente, é você atravessar deixando pedaços pelo caminho, como gente morrendo, sendo torturada, exilada... Enquanto o *Pessach* é passar por cima, é ultrapassar as dificuldades, a Travessia é passar pelo meio dela deixando suas marcas para trás, daí o título polissêmico, ambíguo, porque a gente tinha que passar por cima da literatura que se produziu antigamente e que começou a amadurecer com José Lins do Rego, Graciliano Ramos e outros e ao mesmo tempo tínhamos que fazer a travessia do momento político e assustador que o Brasil vinha passando.

ELBC: Então é por isto que o livro tem duas partes. A passagem por cima e a Travessia?

CHC: Sim, é... o Paulo Simões estava deixando a literatura erótica, pornográfica, inconsequente e passando para uma literatura mais engajada, política... foi isto que aconteceu comigo. Eu acho bonita essa dupla alegoria. Veja, os judeus compraram este livro achando que eu fazia menção à páscoa judaica e não é, mesmo tendo um intertexto com ela. Embora o Paulo

Simões seja um judeu disfarçado, pois o nome dele era Paulo Simon e já não é mais, ele só usa o Paulo Simões, é um livro que eu poderia ter, inclusive, escrito em outras ocasiões, mas julguei que aquela era a hora de mostrar a realidade que a gente estava vivendo. Por um lado, as barbaridades da Ditadura e por outro lado a falta de atitude do Partido Comunista. Então meu livro é contra o Exército e contra o Partido Comunista e ele até ganhou o mundo.

ELBC: Foi traduzido em vários idiomas, né?

CHC: É, foi traduzido no México, na França tem uma edição na qual ele é muito citado e muito estudado.

ELBC: Cony, você falou do seu lirismo e da crítica violenta que você sofreu porque num primeiro momento da sua carreira você era mais romântico e mais sensual, sendo inclusive taxado por alguns de pornográficos, como você mesmo disse...

CHC: Ah, mas nesse primeiro momento eu fui atacado e depois que eu me tornei mais político fui mais ainda, porque primeiro eu tinha criticado os comunistas. Depois eu fiquei sem emprego e acabei sendo socorrido pelo Adolpho Bloch da *Revista Manchete*, que me convidou pra trabalhar com ele. Aí eu passei a ter uma coluna quinzenal na revista que tinha maior circulação no Brasil. Trocávamos eu e o Magalhães Júnior, que era acadêmico e era um grande redator da *Manchete*, teatrólogo. Nós nos dividimos assim, o Magalhães fazia a cobertura geral e eu fazia o social. Foi um exílio dourado. Viajei muito nessa época entrevistando gente das mais variadas esferas: Roberto Carlos, Emerson Fitipaldi, Tenório Cavalcanti, Rachel de Queiroz, Oscar Niemeyer, Juscelino Kubichetck. Daí inclusive que veio minha grande amizade com o JK (Carlos Heitor Cony acabou se tornando biógrafo oficial do ex-presidente JK, nota do autor).

ELBC: Cony, você termina o *Pessach* com o Paulo Simões desenterrando uma metralhadora e atravessando a fronteira do Uruguai, numa sugestão que ele teria aderido à luta armada, assim como você estaria mudando dali pra frente a sua literatura. Foi isso?

CHC: Ali foi um pouco de imaginação minha... mas também justifica, né? Porque naquele momento o que passava pela minha cabeça era: todos estão perdendo tudo, estão indo pro exílio, que precisava dizer isto também. Coloquei o Paulo atravessando a fronteira do Brasil, deixaram pelo caminho aderências e ganharam outras e a fuga para o exílio era, de certa maneira, uma forma de vida e liberdade. O Paulo Simões faz isto e o livro acaba aí. Quer dizer, ele pensa em ir pro Uruguai, para, volta, pega a metralhadora e retoma o caminho do Uruguai, assumindo seu papel de guerrilheiro. E eu de escritor (risos)

ELBC: Mas um pouco antes ele teve uma atitude de amor com a Vera. Ele enterra a Vera e aí você faz uma metáfora com sua própria carreira, porque um pouco antes você estava escrevendo romances e crônicas românticas e a partir dali sua literatura passa a ser política, ou seja, você enterra o velho Paulo Simões e recomeça dali... é uma espécie de *Pessach* seu também, né?

CHC: É, é claro. O Paulo Simões se politizou como eu, porque eu também me politizei depois de 64. Nunca tinha escrito nada engajado, nada sobre política, até 1964 e olha que sou jornalista desde 1952. E não produzi nada assim antes porque a política não me interessava de

jeito nenhum. Eu a achava sórdida, canalha e isto não me interessava. Mas em 1964 eu senti que as ações dos militares tinham passado dos limites que eu toleraria e aí comecei a escrever sobre política e praticamente parei de escrever sobre outra coisa que não fosse isso. Só mudava o assunto esporadicamente, como no tempo que fiquei sem emprego e fui obrigado escrever livros infanto-juvenis para sobreviver. Fora isso, meus textos depois de 1964 foram essencialmente políticos. Inclusive meus contratos com os jornais não me impediam de escrever sobre política, a não ser aquele especialmente feito com a *Manchete* em que eu era proibido de falar em política. De 1952 a 1964 aconteceram muitas coisas, como a morte do Getúlio, a subida ao poder do João Goulart e do JK. Aconteceram muitas coisas nesse período, mas eu não escrevi nada sobre isso, até porque simplesmente eu não tomava conhecimento. O Golpe me fez político e politizado.

ELBC: Você acha mesmo que a mentalidade dos nossos autores realmente mudou depois do *Pessach* e do *Quarup*, fundando uma literatura engajada e de resistência?

CHC: Bom aí é seguinte: o Callado era um *Scolae*, viveu muitos anos na Inglaterra, cobriu a Segunda Guerra Mundial para o Correio da Manhã e sempre foi um homem muito politizado, tanto que antes mesmo de escrever o *Quarup*, ele já tinha escrito outras coisas mais políticas. No *Quarup* ele dá realmente outras bases para nossa literatura, criticando até mesmo os autores – e muitos eram como eu era até então. O Callado conhecia todos os autores, tinha lido *O Capital* não sei quantas vezes, coisa que eu nunca fiz, tá entendendo? E o engajamento dele parece, pra mim pelo menos, natural. Ele tem vários livros muito bons e bastante politizados, o meu favorito é *Madona de Cedro*, que é um livro excelente. O Callado também participou como correspondente da Guerra do Vietnã, no mesmo período que o Brasil enfrentava a ditadura. Veja você, ele nem avisou o *Jornal do Brasil*, que era onde ele trabalhava, que ia fazer a cobertura. Fez por conta própria. Pegou um avião e foi direto pro Vietnã; ele era um autor politizado mesmo. Eu não transformei, no meu livro, a ida para luta armada como a solução de todos os problemas. O Callado arrumou muitos problemas com o livro dele com alguns setores da sociedade, como a Igreja, e eu arrumei basicamente com o Governo e com alguns setores da esquerda, principalmente o Partido Comunista Brasileiro. Uma coisa certamente é verdade: realmente nossos livros provocaram uma mudança no comportamento dos autores, sim, porque quase todos – senão todos – estavam tendo até então a mesma postura que eu. O Brasil passando por crises sucessivas e a gente que produzia literatura fazendo de conta que estava tudo uma maravilha. Neste sentido, nossos livros provocaram uma ruptura, fizeram uma travessia. Ainda que eu não acreditasse que a luta armada fosse acontecer no Brasil, mesmo pensando que ela seria a única solução para acabar com a Ditadura.

ELBC: A Literatura Brasileira está mais madura hoje? Está mais crítica e mais sintonizada com o tempo? Porque existe uma crítica constante em relação à produção literária brasileira que ela foi alienada por muito tempo...

CHC: A verdade é que a literatura continua alienada. Você veja que o grande vendedor de livros no Brasil é o Paulo Coelho e outros por aí e estes são absolutamente alienados. A literatura sempre foi, desde os gregos, uma voz clamando no deserto contra os tiranos, contra

as desigualdades. Um grupo de escritores era sempre sacrificado pelas ditaduras. Na Revolução Francesa, mataram os principais poetas, os principais romancistas. Nos Estados Unidos, houve o macarthismo, movimento de direita que perseguiu vários artistas americanos, que não eram comunistas, mas também não eram americanos como eles achavam que deviam ser. Também na Argentina, e em todo lugar, sempre houve uma perseguição aos escritores que tomaram uma posição contra a força, contra a ditadura. No Chile, o grande exemplo foi o Pablo Neruda. Então a Literatura, ao longo dos séculos, funcionou como uma consciência da sociedade. Agora, em bloco, infelizmente ela continua alienada. É apenas um grupo pequeno que ainda produz a arte engajada. Não há resistência artística ou literária. Hoje mesmo, se um grupo de extrema direita tomar o poder, pode estar certo do seguinte: a turma, estes autores *pop star* que têm por aí, vai se aliar a eles. O grosso, não só dos literatos, mas dos artistas de maneira geral, tem a tendência a aderir a um novo golpe. Fomos e ainda somos poucos o que fazem a resistência artística e literária.

Referências

CONY, Carlos Heitor. *Pessach: a travessia*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e relatos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

